

A IMPORTÂNCIA DO SETOR PRIMÁRIO PARA A ECONOMIA - I

Nilson Pimentel (*)

23/março/2018

Para nós economistas, o cerne da questão da Ciência da Economia é o pleno emprego dos recursos escassos, certos de que essa alocação tenha a eficiência e a eficácia planejada e que necessita de um instrumento para gerenciamento de tais recursos, é por isso que se utiliza da contabilidade nacional que tem por objetivo gerar informações úteis e confiáveis aos agentes econômicos e à sociedade, que melhore os processos de tomada de decisões, e conseqüentemente com suas ramificações, como a contabilidade social apresentar objetivos que concentrem em levar informações, dados econômicos e sociais de países, estados e/ou municípios permitindo acompanhar como crescem e se desenvolvem ao longo do tempo orientando dessa forma a tomada de decisões públicas e privada.

Então para os economistas do Clube de Economia da Amazônia (CEA), recursos escassos são os recursos disponibilizados à utilização na racionalidade econômica, sendo que alguns são mais estratégicos que outros, em disponibilidade no planeta terra, como a água, essencial, estratégico e escasso, como um bem econômico de altíssimo valor.

Para a Macroeconômica, a teoria da contabilidade social, corresponde ao registro contábil de todas as atividades produtivas do Setor Primário, Secundário e Terciário, desenvolvidas em uma determinada unidade federativa, em determinado período de tempo, e tem por objetivo medir os principais agregados macroeconômicos a partir dos valores já registrados, podendo-se analisar a partir dos dados do Sistema de Contas Nacionais, a composição do Valor Agregado ou Adicionado (VA) por setor da economia, entre outros.

Assim, os profissionais do CEA explicam que o valor agregado em cadeia por setor da economia (primário, secundário e terciário), representa a remuneração dos fatores de produção, como os salários da mão de obra, os juros do capital utilizado, pagamentos dos materiais (matéria prima, os materiais secundários e os materiais de embalagens em geral) os aluguéis e lucro do investidor, isso a cada produto em cada fase de produção e somando estas fases de produção, chega-se ao produto final da economia, ou seja, ao valor agregado em cada setor econômico, como sendo o valor bruto da produção ou receita bruta de venda, menos o valor dos pagamentos dos materiais e dos serviços intermediários.

Para se ter uma ideia geral, esse valor agregado influencia, sobremaneira, diretamente no desenvolvimento econômico regional onde aquele bem é produzido, abrangendo os três setores econômicos, sendo eles agricultura, indústria e serviços.

O que para o pessoal do CEA, o desenvolvimento econômico regional de cada Município poderá ser acentuado através do que ele mesmo gera e/ou produz, pois é através de cada setor da economia que se representa o seu desenvolvimento econômico.

Portanto, como destacam os economistas do CEA, é por intermédio do Planejamento Econômico Estratégico (PEE) que se tem a possibilidade de se conhecer o desenvolvimento e/ou crescimento socioeconômico regional e de se obter informações sobre o mesmo para formulação de Políticas Públicas que possibilitem atender a demanda e as necessidades regionais.

Em todas as abordagens sobre a importância interativa entre os setores econômicos se tem que o papel da Agricultura no desenvolvimento econômico regional pode-se identificar ao menos um ponto de convergência que todos reconhecem que são as interações entre a Agropecuária e o restante dos setores produtivos.

Entretanto, procura-se tratar as relações do Setor Primário com o desenvolvimento econômico, sob os aspectos das relações setoriais e sob as interações espaciais que ocorrem, principalmente com a produção agropecuária que se encontra distribuída no espaço geográfico, sendo que a apropriação da renda por ela gerada tende a apresentar um padrão espacial similar.

Por outro lado, as relações Inter setoriais tem importância maior para o desenvolvimento regional, haja vista, a interação entre áreas urbanas e rurais, que caracteriza relações bem distintas entre o meio rural e urbano, como acontece no entorno das grandes cidades e suas regiões metropolitanas, como Manaus que geram fenômenos como a agricultura urbana, o emprego rural não agrícola e as interligações urbano-rurais em suas áreas periféricas urbanas.

Identifica-se que a agricultura urbana é uma consequência do empobrecimento das áreas urbanas, como alternativa de sobrevivência de seus residentes, contribuindo para minimizar o impacto do aumento de preços, sobre o orçamento das famílias mais vulneráveis economicamente, principalmente dos alimentos de consumo imediato, como verduras e legumes, pequenas criações de aves e porcos, e até pequenos piscicultores.

Ressalta-se que esse tipo de emprego rural, expande-se como características não agrícolas, mas é o emprego em áreas suburbanas e semi-rurais, não relacionados diretamente com a produção agrícola, que se caracteriza por apresentar uma forte dependência do padrão espacial urbano daquela cidade centro de consumo, ou de demanda.

Assim, por exemplo, como se pode identificar em Manaus, algumas atividades econômicas que geram emprego rural não agrícola, como produção de pequenos móveis, artesanato, processamento elementar de alimentos, serviços de pousadas, hotéis fazenda, dentre outras.

Como o pessoal do CEA pontual em debates sobre o desenvolvimento rural e a diversidade da agricultura familiar, significando reconhecer que ela se encontra distribuída em todo território, independente do ponto que se aborde, bem como, pelo seu papel indutor do desenvolvimento rural, seja em termos socioeconômicos através da melhoria do padrão de vida das famílias rurais e em termos da dinâmica local e regional.

Dessa forma se poderia entender a importância da agricultura familiar para o desenvolvimento rural, como um movimento ininterrupto calcado na consolidação de práticas agrícolas e não agrícolas que levam em consideração os atributos e recursos existentes na família, na unidade produtiva, complementando-se quando estabelece as relações de fluxo econômico com o mercado de produtos e fluxo social via mercado de trabalho.

É dessa forma que se caracterizam os estilos e formas locais e regionais de agricultura, ou seja, é como os agricultores se relacionam com os recursos produtivos existentes, principalmente os endógenos, e as relações com os agentes externos que lhes dão autonomia, provocam dependência maior ou menor, na diversidade de práticas agrícolas e não agrícolas.

(*) Economista, Engenheiro, Administrador, Mestre em Economia, Doutor em Economia, Pesquisador, Consultor Empresarial e Professor Universitário: nilsonpimentel@uol.com.br.